

Extraordinárias possibilidades





[São Jorge (em grego: Άγιος Γεώργιος; transl.: Άγιος Γεόργιος; em latim: Georgius) (entre 275 e 280 – 23 de abril de 303) foi, conforme a tradição, um soldado romano no exército do imperador Diocleciano, venerado como mártir cristão. São Jorge também é venerado em diversos cultos das religiões afro-brasileiras, onde é sincretizado na forma de Ogum. Todavia, a ligação de São Jorge com a lua é algo puramente brasileiro, com forte influência da cultura africana, e em nada relacionado com o santo europeu. Em Salvador, Bahia, o santo foi sincretizado a Oxossi. Na religião da Umbanda, o santo é associado a Ogum. A tradição diz que as manchas apresentadas pela lua representam o milagroso santo, seu cavalo e sua espada pronto para defender aqueles que buscam sua ajuda. - WIKIPEDIA]



2018. Um dia acordei irremediavelmente. Vi uma Espada de São Jorge na entrada do prédio onde moro. Vi duas, três. Quatro. 150 metros, uma volta no quarteirão, cinco, seis. Guardiães das entradas dos comércios, todos nós por aqui sabemos que servem para proteger.



A visão da Espada de São Jorge, constante e firme, me fez querer saber mais. Descobri que ela foi trazida pelos africanos escravizados, junto com muitas plantas que agora nascem espontaneamente. São elas: arruda, manjerição, quiabo, babosa, camomila, boldo, alcachofra, gengibre, melissa, cannabis sativa, maria-sem-vergonha, café, hibisco, copo-de-leite, sene, alecrim, dendê, melancia, inhame, arroz, feijão fradinho, pimenta malagueta, algodão, coco, gergelim. Dentro de mim ouço minha vó dizendo: só coisa boa!

[referência: CARNEY, Judith. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 22-23: 25-47, 1999/2000/2001]

"Você não honra a dor da coroa de espinhos
A palavra sagrada é munição, não é exílio
A carne furada com prego na crucificação
Merece mais do que prece e joelhos no chão
Espada no dragão

A bíblia não é escudo, é manual pra libertação
Siga o exemplo de são jorge, espada no dragão
Não espera a justiça do homem ela é podre, é cega
Queria dar nobel pro Bush, que promove a guerra

O inimigo destrói sua célula, sua herança genética
Dá o padrão da sua linha de montagem perversa
O peso, a altura, o modo que você raciocina
Consequência da dieta sem proteína

Lembra o tempo da escola na prova o zero
Você não era burro, faltou leite materno
Quase entrou nas 9% de crianças desnutridas
Que morrem antes de um ano de vida"

Trecho da música Espada no Dragão
da banda Facção Central

COMO PREPARAR A ESPADA DE SÃO JORGE PARA PROTEÇÃO

O ritual deve começar numa sexta-feira à meia noite.

Itens necessários:

- Uma espada de São Jorge bem enraizada
- Um vaso grande
- Um cristal quartzo pequeno
- Uma pedra de uma encruzilhada de ferrovia
- Moedas de sete países diferentes
- 21 sementes de peonia
- Ferramentas de Ogun
- 3 pregos usados de ferrovias
- Dendê
- Poeira de 7 encruzilhadas
- Poeira de 7 igrejas
- Poeira de um hospital
- Poeira de um trilho de ferrovia
- Poeira de uma cela de cadeia
- Poeira de um tribunal
- Poeira de uma delegacia
- Poeira de um banco
- Poeira de uma montanha
- Vidro quebrado
- Ratoeira
- 21 pregos de caixão usados
- Pó de pemba
- 1 cochalho de cobra cascavel
- Tinta vermelha
- Sangue de boi
- Velas vermelhas

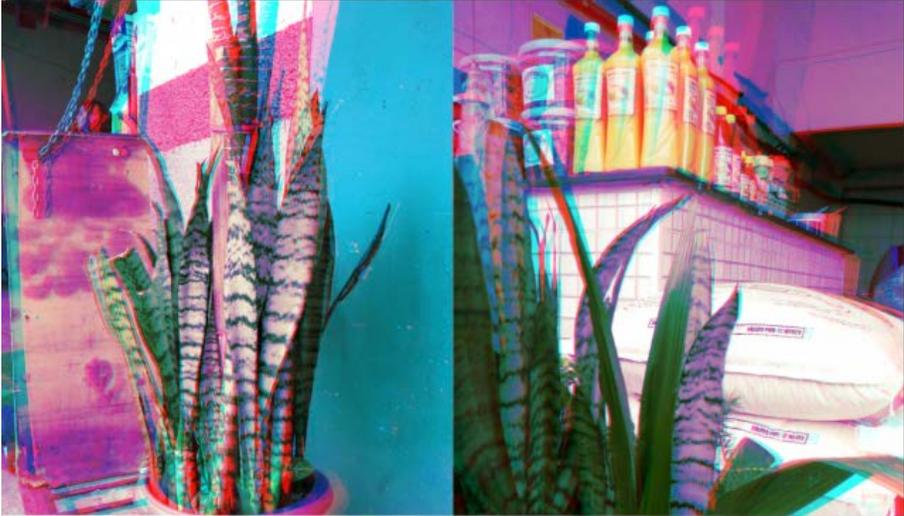
[adaptado do livro BOURBON-GALDIANO_MONTENEGRO, Carlos Anônio de. Spiritual Warfare: Quimbanda Spell & rituals to defeat the enemy. California: American Candomble Church, 2011.]



espada-de-iansã / espada-de-santa-bárbara
(Sansevieria zeylanica - bicolor, com bordas
amarelas)



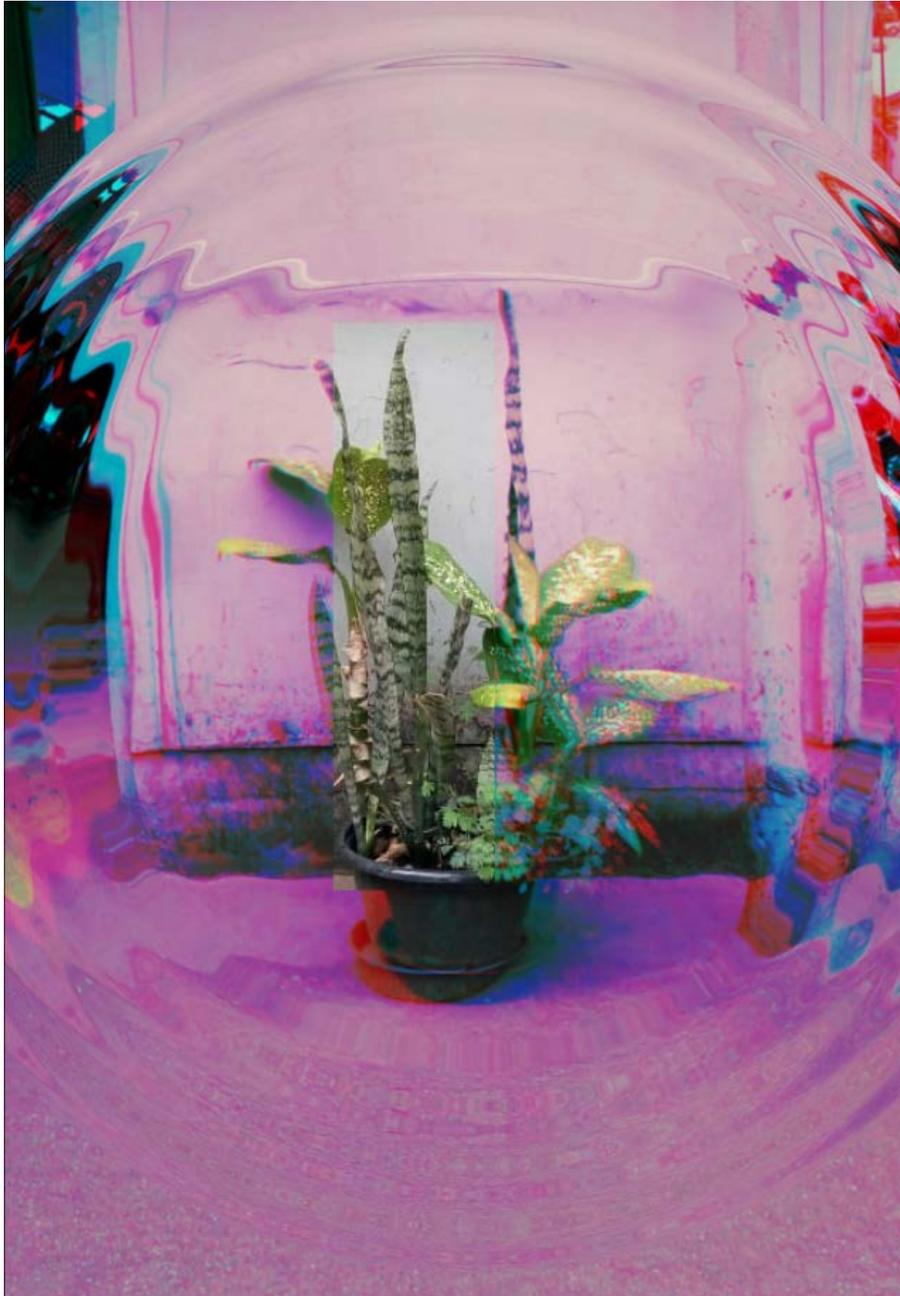
espada-de-ogun / espada-de-são-jorge
(Sansevieria trifasciata - coloração verdes)



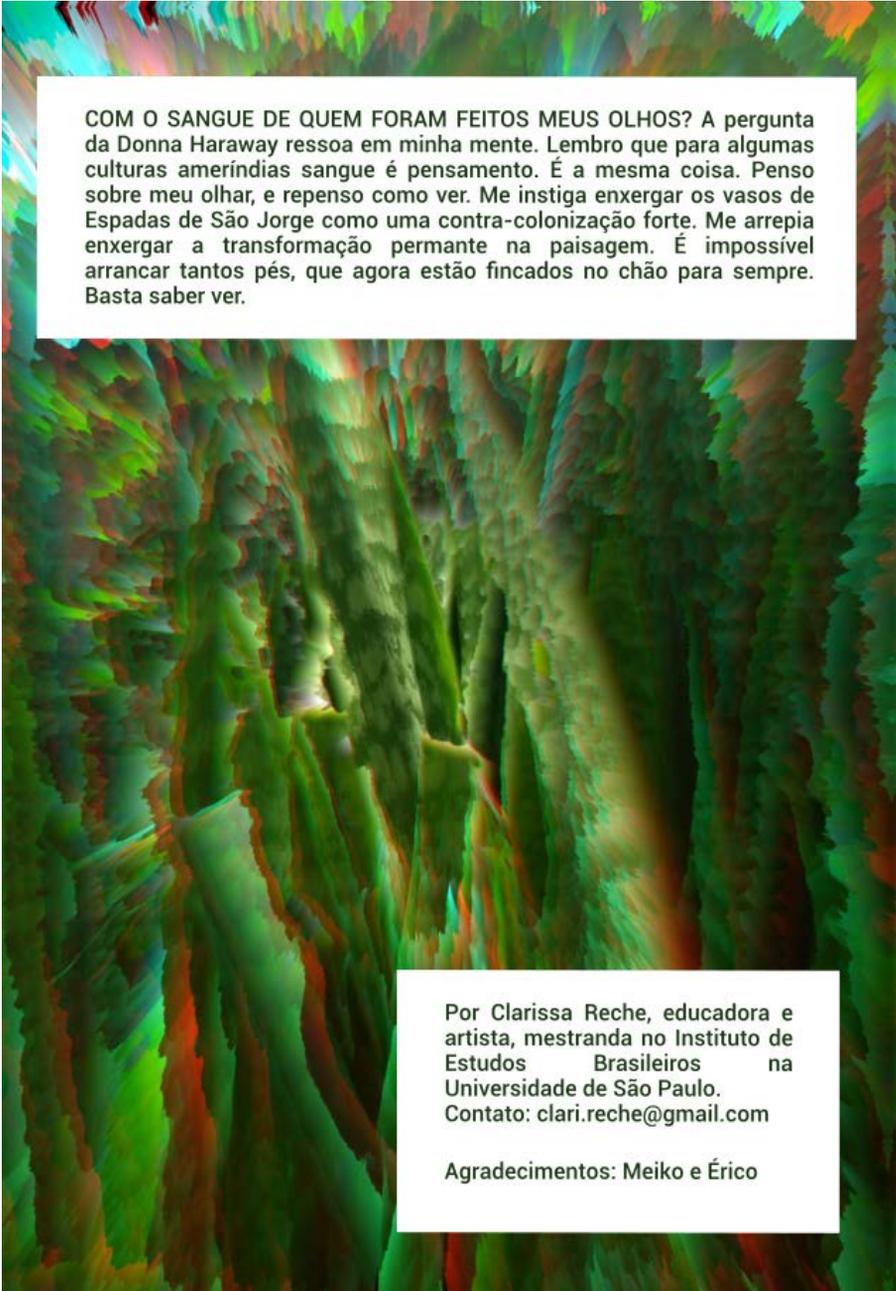
"É a minha vez de enunciar uma equação: colonização = coisificação. Ouço a tempestade. Falam-me de progresso, de "realizações", de doenças curadas, de níveis de vida elevados acima de si próprios. Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espizinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas. Lançam-me à cara factos, estatísticas, quilometragens de estradas, de canais, de caminhos de ferro. Mas eu falo de milhares de homens sacrificados no Congo-Oceano. Falo dos que, no momento em que escrevo, cavam à mão o porto de Abidjan. Falo de milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à vida, à dança, à sabedoria."

[CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Sá da Costa, 1978.]









COM O SANGUE DE QUEM FORAM FEITOS MEUS OLHOS? A pergunta da Donna Haraway ressoa em minha mente. Lembro que para algumas culturas ameríndias sangue é pensamento. É a mesma coisa. Penso sobre meu olhar, e repenso como ver. Me instiga enxergar os vasos de Espadas de São Jorge como uma contra-colonização forte. Me arrepia enxergar a transformação permante na paisagem. É impossível arrancar tantos pés, que agora estão fincados no chão para sempre. Basta saber ver.

Por Clarissa Reche, educadora e artista, mestranda no Instituto de Estudos Brasileiros na Universidade de São Paulo.
Contato: clari.reche@gmail.com

Agradecimentos: Meiko e Érico